

VISÃO DO CORREIO

Adultização deve impulsionar debate sobre o Marco Civil

São cerca de 30 milhões de visualizações em menos de uma semana. O youtuber Felipe Bressanim Pereira, conhecido digitalmente como Felca, pautou o agendamento midiático nos últimos dias ao discutir, em um vídeo de cerca de 50 minutos, a adultização de crianças e adolescentes por meio das redes sociais. O conteúdo gerou debates fora das redes, e chegou ao Congresso Nacional, onde o presidente da Câmara, Hugo Motta, se comprometeu a priorizar projetos que tratam da temática nas próximas semanas.

Um levantamento feito pela Palver, empresa especializada em monitoramento e análise das redes sociais, mostra que a repercussão alcançou um volume até mesmo superior à eventual taxação do Pix impulsionada pelo deputado federal Nikolas Ferreira. Os números são representativos para mapear como o problema supera qualquer polarização política: 50% das repercussões mantiveram-se sem identificação ideológica, tratando o caso de maneira despolitizada.

Mas, por que a discussão chamou tanta atenção? Basta conviver com uma criança ou um adolescente nos dias de hoje para perceber uma flagrante dependência das redes sociais que os deixa mais vulneráveis a situações que não deveriam fazer parte do cotidiano deles: consumismo, busca por status social e o anseio pela definição de uma identidade em um momento de formação, não de demarcação.

Como explica a psicoterapeuta Maria Carol Pinheiro, a neurociência define a infância e a adolescência como um período fundamental para a chamada janela de oportunidade de aprendizado. É nesse período em que há maior facilidade para absorver novas habilidades, como aprender idiomas. Ao mesmo tempo, é quando se desenvolve a maior parte dos problemas

de saúde mental manifestados anos depois. Transtornos de ansiedade e depressão são cada vez mais diagnosticados entre brasileiros, incluindo jovens e adolescentes. Daí a importância de os pais monitorarem, cada vez mais de perto, aquilo que os filhos consomem nas redes sociais.

Em primeiro lugar, é preciso entendê-las como um espaço mercadológico, não como um blog pessoal. Há muita gente se expondo nas redes em busca de dinheiro, vivendo a depender do conteúdo propagado, do alcance obtido em cada postagem. Trata-se, portanto, de um espaço amplamente disputado. Se os algoritmos criam vícios à audiência, crianças e adolescentes, até mesmo pela falta de experiência de vida, formam o público mais vulnerável ao consumismo descontrolado e à exploração de conteúdos rasos perigosos, que encontram terreno fértil na janela de oportunidade do aprendizado.

Além disso, há a criminalidade. Redes sociais estão lotadas de pessoas em busca de vítimas em potencial. Parte delas se manifesta a partir dos golpes, outra fatia por meio do aliciamento, e uma terceira porção já deixou as profundezas da deep web para habitar o Instagram: os pedófilos. Quando crianças e adolescentes acessam as redes sem qualquer monitoramento são vítimas em potencial desses criminosos. Não é por acaso que a Austrália, recentemente, proibiu o acesso de menores de 16 anos a esses sites.

Aqui, para além de uma maior conscientização dos pais, é preciso cobrar as redes e fomentar, mais uma vez, o debate em torno da revisão do Marco Civil da Internet. Não se trata de censura, mas se as big techs oferecem tantos serviços com uso dos algoritmos, derrubando, por exemplo, conteúdos que ferem os direitos autorais de artistas, como não conseguem mapear os criminosos que as habitam?



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Brasília diferente

Inspiradora essa foto da mobilidade no Distrito Federal, feita pelo fotógrafo Ed Alves, publicada na capa da edição do **Correio** de 12 de agosto. Ela mostra uma Brasília diferente. Brasileiros de outros estados precisam ver mais imagens que fujam dos cartões-postais e dos estereótipos da cidade, por mais belos que sejam.

» **Paulo Lyra**
Brasília

Cidade planejada

No passado, pode até ter acontecido. Hoje, Brasília não é mais planejada. Novos bairros são projetados, edificados, vendidos os imóveis e, só muito tempo depois, recebem toda a infraestrutura, como melhorias de acessos viários: viadutos e novos trajetos. Quanto anos têm os setores Noroeste e Sudoeste? Novos viadutos estão em construção nessas regiões. O mesmo acontece em outros bairros do DF, como o Itapoã Parque. Do jeito que anda, não demora para termos rodízio de placas para circular dentro de Brasília. Mais veículos circulando significa mais arrecadação de impostos. Outra questão que é preciso levar em conta são os estacionamentos. Até os anos de 1980, havia vagas suficientes para a demanda. Hoje, mesmo nas quadras residenciais, há dificuldade de encontrar vagas para os moradores.

» **Hermes Cavalcante**
Brasília

Salve, Brasília

“Você quer viver em lugares assim?”, questionou Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, ao decretar emergência em Washington. Brasília, um local idealizado por um dos maiores nomes da nossa história. Desenhado e planejado por dois gênios. Construído por gente trabalhadora. Claro que sim. Salve, Brasília!

» **Maurício Benedicto**
Brasília

Segurança jurídica

Atualmente, o grande problema brasileiro é a interferência dos Poderes na área alheia. É um claro atestado de “insegurança jurídica” que compromete a estrutura democrática e desestimula investimentos internos e externos. Exemplo claro de estabilidade jurídica são Cingapura e Coreia do Sul, que eram pobres, mas, com segurança jurídica, os Poderes funcionam e as regras são estáveis. Lá, as leis são iguais para todos. Os criminosos são punidos, os contratos e as leis são obedecidos, o que, por si só, atraiu investimentos e aconteceu o desenvolvimento.

» **Humberto Schuwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump decide fazer limpeza étnica em Washington e, para desviar a atenção, ataca Brasília. Isso deve ser coisa do deputado traidor da pátria.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Ao retirar os sem-teto de Washington, D.C., Trump demonstra odiar os pobres. Deve ter se inspirado no personagem do Chico Anysio: o deputado Justo Veríssimo.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Críticas ao governo federal em relação à falta de diálogo, governador? Mas quem não quis dialogar foi o Trump!

Michelle Pereira — Brasília

Sou a favor de que sejam criadas leis duríssimas para impedir que pais usem crianças para monetizar na internet. É pura ganância por dinheiro fácil. Censure mesmo, Congresso Nacional!

Anete Cláudia Alves — Rio de Janeiro

Precisou um influenciador fazer alguma coisa para as autoridades se mexerem sobre algo tão sério e que está acontecendo há muito tempo. É lamentável esse governo!

Paulo Henrique — Campo Grande (MS)

Abandono

Crianças atropeladas por canalhas irresponsáveis. Crianças sem amor, passando frio e sem comida, nas ruas. Crianças chorando, desesperadas. Muitas já separadas dos pais, vítimas das guerras, na Ucrânia e Gaza. Crianças vítimas de estupros. Reféns de pedófilos. Que assistem ao assassinato dos pais. Crianças testemunhas de pais matando as mães. Para onde vamos? Aonde chegamos? Camus tem razão: não há nada mais escandaloso do que criança morta, com fome e frio. Criança infeliz, sem educação, sem futuro. Crianças que só conhecem amarguras. Que morrem em filas de hospitais, vítimas de balas perdidas. Isoladas de alegrias, distantes do que realmente merecem e têm direito. Amor, carinho, respeito, família, conforto, segurança, educação e alimentação. O Brasil precisa sair do berço esplêndido e agir.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Piedade pelo povo de Gaza

É como se o Estádio Nacional Mané Garrincha estivesse com quase 90% de sua ocupação máxima. Só que, ao invés de torcedores, os assentos estivessem ocupados por cadáveres. Ou como se a população de Brásilia tivesse sido totalmente dizimada. Talvez muitos brasileiros tenham a exata noção do que ocorre na Faixa de Gaza quando a realidade de lá é adaptada à daqui. Mais de 60 mil palestinos foram assassinados desde 7 de outubro de 2023. Isso representa 2,6% do total da população da Faixa de Gaza — em média, 89 mortos a cada 24 horas. Sem contar o número de feridos e de desaparecidos, ainda sob os escombros de prédios bombardeados.

O que Israel faz na Faixa de Gaza tem nome: genocídio. A conclusão não é minha, mas de especialistas e de duas organizações não governamentais israelenses. É uma vergonha que a humanidade assista a esse horror calada, com raras exceções, sem lançar mão de vários mecanismos de pressão. A imposição da fome generalizada não apenas visa mortes em massa, como busca arrancar de cada palestino o que lhe resta de dignidade e de esperança.

Outra vítima de Israel é a verdade. Para impedir que a barbárie chegue aos olhos da população mundial, o Estado judeu decidiu matar jornalistas. Na noite de domingo, seis repórteres e cinegrafistas da rede de TV Al-Jazeera foram mortos em um bombardeio a uma tenda usada pela imprensa, diante do Hospital Al-Shifa. A desculpa tem sido recorrente: o Exército

israelense sempre encontra uma maneira de jogar a culpa sobre o movimento fundamentalista islâmico Hamas. Dessa vez, anunciou que Anas Al-Sharif, correspondente da Al-Jazeera, era terrorista do Hamas disfarçado de jornalista. Acontece que mais de 200 profissionais da imprensa tiveram a vida arrancada por Israel desde 7 de outubro de 2023.

Passou da hora de dar um basta nessa insanidade. Para interromper o genocídio em Gaza, é preciso um misto de coragem e de ação política. Atitudes convenientes e covardes, como as do presidente Donald Trump, apenas legitimam os massacres perpetrados por Israel. Quando a força do dinheiro cala o grito pela paz, a humanidade morre aos poucos. Imagino o futuro que Israel cultiva para si: sua guerra de vingança formará batalhões de extremistas também sedentos de vingança. Crianças que perderam os pais, jovens que enterraram os irmãos, pais que seguraram os corpos dos filhos em mortalhas.

Espero que o sistema de Justiça Internacional seja implacável e aja com extremo rigor ao julgar os crimes cometidos por Netanyahu e seus comandados. Não se impõe morte, horror, fome, tortura psicológica e luto a 2,3 milhões de pessoas e se escapa, incólume. Netanyahu precisará pagar. Líderes estrangeiros que fecharam os olhos para o morticínio não passam de cúmplices. Também espero que sejam julgados pela história. De olhos fundos e marcados pelo medo, e de estômago vazio, Gaza clama por piedade.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

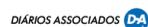
Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS* SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreito terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br